**dedilhando na cachola**

[Antonio Geraldo Figueiredo Ferreira é escritor, autor do romance *as visitas que hoje estamos*]

As canções de na cachola vieram para ficar. Negando-se à facilidade dos vermes sonoros que infectam a música, Walter Garcia e Marília Calderón inoculam nos ouvintes, com delicadeza e poesia, muito mais do que uma obra; na cachola é um exercício de fruição da beleza e, ao mesmo tempo, uma espécie de pedagogia contundente do bom gosto. O trabalho convida os sentidos a pensar. E o pensamento a sentir.

Tal como num bom livro de poesia, portanto, as partes constituem uma totalidade que estabelece linhas de força para além da individualidade das composições. Em outras palavras, cada uma das canções sustenta poderosa força autônoma, como se fabricasse, no ar, a página sutil de um poema. E, ouvidas na sequência proposta, tecem também, no vento, um livro sonoro que enreda a compreensão poética em paragens a perder de vista.

Em “sinais de amor”, por exemplo, há a sugestão de que a canção se faz como o amor, necessariamente infenso à materialidade natimorta de um mercado que cria, em formol, o que nasce apenas para o consumo, morto de antemão.

No trabalho seguinte, “amor e amizade (canção tirada de uma notícia de jornal)”, evoca-se o célebre poema bandeiriano, explicitando de modo consciente a metodologia da composição. A canção se dá na insubstância da música e, também, se realiza na concretude da matéria, que não se conserva em formol, mas espatifada no chão da realidade, por mais dura que seja.

É possível se observar, portanto, uma gradação curiosa do amor. Ele é pano de fundo e centro do enredo da vida. Na canção seguinte, “nanna's lied”, a materialidade amorosa se concentra no dinheiro, valor absoluto em espécie. Lastro impossível de se carregar. A nota e o homem. Daí o cansaço do senso comum, do próprio amor, das próprias canções, na canção que segue, “eu estou tão cansada”.

O trabalho seguinte dá o título à obra, “na cachola”, colocando-se como chave interpretativa do indivíduo e do país. A gradação do amor, a reflexão da canção, o cansaço dos clichês, tudo culmina em mergulho ensimesmado, ideia fixa que é dor de pensar, de sentir, de ser e de estar.

Em “quem vai às compras”, a seguir, o saco de calma desaparece, restando a sacola vazia, viva, metáfora da alienação, do amor aos bichos empalhados de nossa estimação. Por isso a “canção da injustiça” se impõe, em seguida, como criação humana, muito mais do que obra da natureza. A injustiça é pólvora, que faz fogos de artifício e bombas; é truque de mágica, que nos engana; é política...

Então, de repente, “o gato no capô” aparece sorrateiro, pesadelo da classe média que descobre, inconformada, o bicho de estimação arranhando os sonhos de consumo. Depois cagando neles. O ato violento de capar o gato, por assim dizer, redimensionaria a questão do amor, paroxismo político dessa nova condição pseudoburguesa. Que o bicho agora desestimado fique em seu lugar, assim como toda a rafameia deste país, malgrado as bugigangas que compra, e por elas mesmo.

A canção “sobre o princípio perene da natureza humana” parece desviar o tom da política e da matéria brasileira. Engano. Drible. Saracoteio. A metafísica, nela, é chave irônica num discurso que estabelece paralelos com o nosso maior escritor, artista injustamente acusado de não tratar de uma questão medular de nossa constante deformação social: a escravidão. Ora, ora... a transitoriedade das bolhas é o samba miudinho que o homem pobre se vê obrigado a criar e a dançar para sobreviver, bufando a cada passo, a cada novo estouro de sua posição continuamente precária.

Em “nada por fazer”, pelo que se viu até aqui, tudo o que se fez é sinônimo de nossa desfaçatez histórica, com o perdão do trocadilho... O “outro país” está dentro deste país, desde que saibamos assumir o nosso rosto. E sê-lo. Mas como?

O salto que segue, então, me comoveu. Porque pulamos de Machado para Tom, caminho de águas o ano inteiro, em bolhas perenes, feitas com as lágrimas de uma consciência de restos que conformariam a nossa verdade mais dolorida, é certo, mas sempre a nossa verdade.

Assim: “o chão na palma da mão” desnuda a obra necessária como desejo de se erguer um novo país, este país, com as próprias mãos, com as suas verdades. Todos de ponta-cabeça, plantando bananeiras num país que não pode se aceitar como a republiqueta das bananas que uns poucos imaginam que seja... Banana pra eles, isso sim!

Paro por aqui, ciente de que inútil qualquer palavrório. Não quero tirar de ninguém a alegria insubstituível de ouvir “na cachola”. No bestunto, um mergulho de cabeça. O prazer sem tamanho das canções.